

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

"O SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO NA ADOLESCÊNCIA"

"O SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO NA ADOLESCÊNCIA"
a educação do corpo no século XVI

Monografia apresentada como exigência
parcial para obtenção do título de
Licenciada, à disciplina Seminário de
Monografia II, oferecida pela Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual
de Campinas – UNICAMP, sob orientação
da Profa. Msc. Yálla Danailof.

BRUNA MARIANO MIOTO
CAMPINAS, 2004.

BRUNA MARIANO MIOTO

M669S



1290002198

"O SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO NA ADOLESCÊNCIA"
a educação do corpo no século XVI

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura, à disciplina Seminário de Monografia II, oferecida pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação da Prof.a Ms. Kátia Danailof.

CAMPINAS, 2004

Maria Cristina Rosa

Banca Examinadora: Prof.a Ms. Maria Cristina Rosa

Kátia Danailof

Orientadora: Prof.a Ms. Kátia Danailof

“Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas.

Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas: para confirmar a sua aliança que, sob juramento, prometeu a teus pais, como hoje se vê.” (Dt 8.17,18)

ORAÇÃO DE AGRADECIMENTO

Pai, agradeço ao Senhor por ter iluminado meus pensamentos ao longo deste trabalho, agradeço pela Kátia por ter me orientado, sugerindo leituras maravilhosas, que contribuíram, além de tudo, para minha formação como ser humano.

Agradeço Senhor, pelos meus pais, Sérgio e Silvania, que estiveram sempre ao meu lado, em toda minha vida, pelas minhas irmãs Samira e Amanda, sem as quais muitas coisas não teriam sentido. Agradeço pelo meu querido Ricardo, com quem dividi muitas dúvidas e novas idéias e agradeço também por todas as pessoas da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, professores, funcionários e amigos, com os quais convivi nesses últimos quatro anos, pessoas que mudaram minha vida, abrindo-me as portas para uma nova forma de pensar a Educação Física e o mundo.

Obrigada Senhor por colocar no meu caminho pessoas tão maravilhosas.

Amém.

RESUMO

Ao longo deste trabalho nos deparamos com uma das contradições da nossa atual sociedade, que é o encantamento que a "adolescência" desperta em todas as gerações, esse modo de vida adolescente, jovem, bonito, "desencanado", em que as crianças e adultos querem ser adolescentes e os próprios adolescentes se contemplam por esse estilo de vida.

Diante deste quadro, esse trabalho procura refletir sobre a idéia de adolescência como um fenômeno historicamente determinado. Para tal, voltaremos ao século XVI, época de grandes mudanças estruturais na sociedade ocidental, utilizando como fonte de pesquisa a peça de Willian Shakespeare, "Sonho de uma noite de verão". Essa peça foi escrita justamente no século XVI, e a incrível capacidade de Shakespeare de relatar os sentimentos humanos, nos ajudará a entender o que mudou e o que prevaleceu através dos tempos no corpo da juventude, visando colaborar com uma possível compreensão de corpo que ultrapassa os limites biológicos.

Prevalecem as seguintes questões: Porque a sociedade escolheu essa etapa da vida, em que ainda não se adquiriu responsabilidade e autonomia aos olhos dos adultos, como a etapa mais desejada para se viver? Por que a sociedade atual não quer amadurecer, "adulter", envelhecer? - São observações e questões que buscamos refletir ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: Adolescência, Juventude, Shakespeare, Corpo.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1: O “não lugar” da adolescência.....	11
Capítulo 2: O século XVI de William Shakespeare.....	18
Capítulo 3: O Sonho de uma noite de verão.....	26
Capítulo 4: Adolescência.....	38
Capítulo 5: Considerações Finais.....	43
Referências Bibliográficas.....	44

INTRODUÇÃO

A noção de adolescência começa no início do século XX, com o surgimento de um discurso que liga a idade cronológica a um modo de ser adolescente (Fraga, 2000). O adolescente é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século XX, é um prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam, uma das formações culturais mais poderosas de nossa época (Calligaris, 2000).

Por ser uma formação cultural, extrapola os limites biológicos do ser, por isso deve-se buscar nesta formação o “conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas”. Pois “no corpo estão inscritas todas as regras, normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca” (Daolio, 1995).

É no corpo adolescente, corpo em que a educação deixa suas marcas, não só a educação na escola, onde está a Educação Física, mas a educação da vida; neste corpo cultural relacionado ao mundo que o cerca, que reside nossas maiores dúvidas: Porque a sociedade escolheu essa etapa da vida, em que ainda não se adquiriu responsabilidade e autonomia aos olhos dos adultos, como a etapa mais desejada para se viver? Por que a sociedade atual não quer amadurecer, “adulter”, envelhecer? Diante desse quadro, este estudo procura refletir acerca da idéia de adolescência como um fenômeno historicamente determinado.

Antes de mais nada, gostaríamos de registrar a diferença que ao longo deste estudo percebemos entre Juventude e Adolescência. Juventude para nós, vem a ser uma etapa da vida, entre a infância e a vida adulta, onde ocorrem as mudanças fisiológicas da puberdade; mas o termo “juventude” engloba o ser de uma forma mais

ampla do que apenas biologicamente. Já a Adolescência pode ser entendida neste estudo como um estilo de vida, adotado principalmente pelos jovens, um termo que não caberia em outras épocas e em outras sociedades.

Para desenvolvermos este estudo, voltaremos ao século XVI, época de grandes mudanças estruturais na sociedade ocidental, utilizando como fonte de pesquisa a peça de Willian Shakespeare, "Sonho de uma noite de verão".

Tal obra foi escolhida por tratar da juventude, dos encontros e desencontros amorosos, do relacionamento entre pais e filhos. Ela foi escrita justamente no século XVI, e a incrível capacidade de Shakespeare de relatar os sentimentos humanos, nos auxiliou a compreender o que mudou e o que prevaleceu através dos tempos sobre a idéia de juventude, visando colaborar com uma possível compreensão de corpo que ultrapassa os limites biológicos.

Iniciamos este trabalho traçando um breve histórico do lugar ou não lugar da juventude na sociedade ocidental, indicando a importância dos papéis social para os indivíduos, de saber que lugar ocupa dentro dessa sociedade, como transcendê-lo (ritos de passagem) e as mudanças que podem ocorrer ao se perder esse referencial social.

No capítulo II, o século XVI será apresentado, como sendo um marco histórico do início do pensamento moderno, indicando as mudanças que ocorreram com as novas idéias, o que estava acontecendo dentro daquela sociedade? Qual era a compreensão de juventude neste período? Introduziremos mais especificamente o momento histórico da Inglaterra e em que contexto Shakespeare escreveu suas obras.

No capítulo III apresentamos os sentimentos da juventude através da peça "Sonho de uma noite de verão" e buscamos compreender o significado do corpo jovem dentro da sociedade ao longo dos tempos, indo além dos limites biológicos e

das classificações etárias como fases da vida, buscando uma visão integrada do ser humano como ser cultural.

No capítulo IV buscamos compreender a adolescência nos dias de hoje, adolescência como um estilo de vida, em que uma moratória social é imposta aos seus membros.

E no capítulo V algumas considerações finais buscam incentivar novos estudos e uma nova maneira de enxergarmos nossos jovens adolescentes.

CAPÍTULO 1: O “NÃO LUGAR” DA ADOLESCÊNCIA

Segundo Ariès (1981, p.11) do século XIV ao XVIII “as idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais”. Conforme concepção da época a juventude significava “força da idade. Não havia, para tanto, um lugar específico para a adolescência. Ou seja, sair da infância significava sair de um estado de dependência estabelecida pela hierarquia familiar¹. O sujeito deixava de ser criança quando deixasse de ser socialmente dependente”.

A comunidade era a verdadeira depositária da continuidade da vida, a morte, apesar de triste, não era um ponto final, pois mais importante do que a vida individual, era a vida coletiva, da comunidade. Havia um lugar definitivo na vida de cada ser, determinado pela família em que este nasceu. As responsabilidades e obrigações eram para com um grande número de pessoas (Marcellino, 2001).

Refletindo acerca do tratamento dado à adolescência, em diferentes culturas a passagem da infância para a adolescência é marcada por ritos, que muitas vezes acompanham provas doloridas. Os ritos de passagem são ao mesmo tempo o prêmio e a garantia da mudança de papel e de estatuto, com uma ratificação sem contestação do grupo inteiro (Comary, 1984).

“Os primitivos têm muita sorte com seus rituais de passagem... há grandes danças e bebidas, revelam-lhes no meio de uma obscuridade cheia de truques montes de segredos viris, partem-lhes um dente canino ou circuncisam-nos, fazem-lhes incisões bastante elegantes na pele

¹ Segundo Ariès (1981, p.11) Tal hierarquia também se referia aos postos ocupados por lacaios, auxiliares e soldados. “Um *petit garçon*” (pequeno menino) não era necessariamente uma criança, e sim um jovem servidor.

das costas... São histórias muito simples de sangue e de ereções com sofrimento que vem de fora, mas depois, é como quando se apanha uma sova, está o caso arrumado, fica-se iniciado, pode-se discutir o ato do amor com os anciãos e ser atiradiço com as mulheres... Ficamos homens²” (Nizan, 1938).

Nessas culturas parece que a passagem para a vida adulta é mais fácil do que na sociedade atual, pois basta uma prova e tudo se resolve. No entanto,

“Com o fim da sociedade tradicional, a morte se torna fundamentalmente uma experiência individual, cujo sentido (ou falta de sentido) deve ser procurado no espaço da vida do indivíduo e não pode ser substituído pela significação mais ampla da comunidade” (Marcellino, 2001).

Desde o século XIX, a criança passa a ser a única esperança de continuação na vida de seus pais, de imortalidade, daí a importância da infância na modernidade, a criança é amada em troca de dar continuidade aos sonhos mortais de seus pais e em troca de submissão e obediência.

2- É assim que nas últimas páginas do seu romance *La Conspiration* (Paris, Gallimard, 1938), P. Nizan faz dizer um dos seus heróis adolescentes.

Espera-se que o indivíduo construa para si um lugar e um destino diferente daquele que lhe foi reservado pela família, por isso é importante nesta sociedade formar, transmitir, ensinar. O sujeito moderno deve sempre querer mais. E é justamente no início no século XX que essa busca por “algo mais” começa, demarcada, então, por uma passagem vinculada à idade cronológica (Fraga, 2000).

Antes disso, deve-se entender a cultura juvenil do século XVI, não apenas enquanto moratória social, mas sim como fase de iniciação e de transição rumo à vida adulta no sentido etnológico dos ritos de passagem (Levi & Schmitt, 1996).

“Somente a sociedade dividida em classes da era industrial desenvolve ao máximo a dramaturgia da juventude enquanto portadora enfática de esperanças e de ameaças sociais latentes, ao passo que atribui à fase de tornar-se adulto as características de um fenômeno de tipo cultural, com conotações tanto negativas quanto positivas, mas de todo modo algo determinante” (Levi & Schmitt, 1996).

A indefinição do que é preciso fazer para se tornar um homem ou mulher adulto atualmente, ou seja, a falta de uma função social, torna impossível uma prova para a entrada na vida adulta (rito de passagem). Ninguém sabe o que é preciso para que um adolescente se torne adulto (Calligaris, 2000). Isto obriga os adolescentes a inventar a sua contra - sociedade ao mesmo tempo em que facilita o desenvolvimento de inaptações sociais. Sendo o tempo, cada vez mais longo, que separa a adolescência da entrada na vida adulta, uma das razões dessas dificuldades.

Dessa forma temos na sociedade atual o adolescente:

“um sujeito capaz, instruído e treinado durante toda a infância, por várias instituições – como a escola, família, mídia – para adotar ideais de uma comunidade que o exclui e impõe-lhe uma moratória de pelo menos dez anos quando este sujeito entra na adolescência, mesmo que seu corpo esteja pronto para entrar no mundo adulto e participar da competição da sociedade capitalista” (Calligaris, 2000).

Por outro lado, essa fase da vida é idealizada e desejada por todos, é mitificada como sendo a fase mais feliz da vida.

Não devemos nos esquecer, entretanto, que um Mito pode ser entendido como:

“representação de fatos ou personagens reais, exagerada pela imaginação popular, pela tradição. Imagem simplificada de pessoa ou acontecimento, não raro ilusória, elaborada ou aceita pelos grupos humanos, e que representa significativo papel em seu comportamento. Na Antropologia, narrativa da significação simbólica, transmitida de geração em geração e considerada verdadeira ou autêntica dentro de um grupo, tendo gerado a forma de um relato sobre a origem de determinado fenômeno,

instituição, etc., e pelo qual se formula uma explicação da ordem natural e social e de aspectos da condição humana" (Ferreira, 1999).

Tais referências levam-nos a refletir acerca da concepção de adolescência que temos atualmente e na forma como esta se apresenta em nossa sociedade. Para tanto, questões como: De qual adolescência estamos falando hoje? O que é ser adolescente? Temas como "dependência social", a ausência de um rito de passagem, de um papel social que diz respeito ao adolescente são relevantes na reflexão sobre a adolescência.

A idade cronológica determina atualmente essa fase da vida? Parece que não. Esse modo de ser adolescente está mais vinculado a um modo de ver o mundo, de encarar a vida, sem responsabilidades, principalmente responsabilidades com outras pessoas. O que encontramos hoje são gerações adultas que vivem sob a tutela dos pais, morando na mesma casa, sem ajudar com as despesas, que trabalham, mas gastam seus recursos com festas, artigos de luxo e viagens, essa nova geração já foi batizada por Frank Fured³ de "Kidults" (criançadulto), adultos infantilizados, "que se negam a se assentar e a assumir compromissos na vida". Vivem uma espécie de nostalgia, revivendo a época de suas juventudes (década de 70, 80 e 90), quando freqüentavam a escola, compram brinquedos antigos, assistem a seriados que relembram essa época.

"A infantilização da sociedade contemporânea é movida por paixões que são específicas de nosso tempo. O desejo compreensível de não

³ Frank Fured, professor de sociologia na Universidade de Kent, em Canterbury (Reino Unido). Seu livro mais recente é "Therapy Culture – Cultivating Vulnerability in a Anxious Age" (Cultura da Terapia – Cultivando a Vulnerabilidade numa Era de Ansiedade, ed. Routledge).

ter aparência de velho(a) cedeu espaço à busca consciente da imaturidade” (Frank Fured, 2004).

Por outro lado temos também crianças-adolescentes que aderiram a esse estilo de vida caracterizado por um modo de se vestir, de falar, por uma postura corporal que diferencia os fenômenos culturais.

Entendendo a adolescência como uma idéia historicamente determinada, buscamos neste trabalho articular presente e passado, o que não significa que conhecemos exatamente como esse passado foi, mas queremos nos apropriar de algumas de suas reminiscências e interpretá-las à luz presente (Benjamim, 1994).

Para tanto, optamos pela análise da peça “Sonho de uma noite de verão” de Willian Shakespeare, para com ela começarmos a traçar um perfil do jovem daquela época no século XVI e entendermos sua “evolução” para a adolescência atual.

Willian Shakespeare (1564-1616)⁴, poeta e dramaturgo, nasceu e morreu em Stratford, Inglaterra. Considerado um dos mais importantes autores de todos os tempos. Filho de um rico comerciante, desde cedo Shakespeare escrevia poemas. Mais tarde associou-se ao Globe Theatre, onde conheceu a plenitude da glória e do sucesso financeiro. Depois de alcançar o triunfo e a fama, retirou-se para uma luxuosa propriedade em sua cidade natal, onde morreu.

A obra de Shakespeare apresenta diversos aspectos do ser humano. Existe na obra dele talvez, mais possibilidades do comportamento humano do que sejamos capazes de perceber. Pensadores como Freud (1856-1939) beberam demais dessa

⁴ Willian Shakespeare deixou um acervo impressionante, onde se destacam clássicos como “Romeu e Julieta”, “Hamlet”, “A megera domada”, “Otelo”, “A tempestade”, “Sonho de uma noite de verão”, etc.

fonte para elaborarem suas teorias. Como diria Harold Bloom: Shakespeare apresenta "Uma capacidade inquietante de atravessar os obscuros labirintos da mente humana, desnudando paixões, iluminando desejos, apontando os grandes fantasmas que perseguem o homem desde sempre", rompendo, então, com a reflexão do homem a partir da igreja e indicando a possibilidade do autoconhecimento pela reflexão. Estudiosos dizem que se por um acaso houvesse perda total dos documentos que falam a respeito da raça humana, bastaria as peças oriundas desse poeta magistral para descrever o homem.

Shakespeare foi muito moderno para sua época, há quem diga que ele inaugurou a forma de pensar os relacionamentos até os dias de hoje, passando por Freud, é claro.

CAPÍTULO 2: O SÉCULO XVI DE WILLIAN SHAKESPEARE

Willian Shakespeare difundiu uma literatura voltada ao público popular, abordando temas diversos, mantendo ainda a configuração teatral medieval, porém reciclando o conteúdo de seus espetáculos. Essa tendência foi adquirida graças ao momento histórico da Inglaterra, sua política, seu povo e a influências, principalmente da tradição latina. Desta, podemos perceber em suas peças:

“períodos de espera que significam a existência da esterilidade e do mal antes da explosão de um período de licença própria ao desencadeamento da confusão sexual, prelúdio à festa criadora de uma ordem melhor pela revelação final da identidade profunda das personagens e pela multiplicação dos casamentos, convenção que exprime a cristalização de uma sociedade depurada de suas leis irracionais” (Boquet, 1989).

A Reforma Protestante⁵ e a Contra Reforma Católica⁶ trouxeram reações contra todas as inovações que abalavam a moral e a política das velhas sociedades (catolicismo, papado, império).

Entre os séculos XV e XVI ocorreram mudanças estruturais dentro da sociedade ocidental, o Renascimento e a expansão do espírito e dos conteúdos do

⁵ Reforma Protestante: fez parte das transformações em curso na Europa, na transição da Idade Média para a Idade Moderna (Século XVI). Esta reforma colocou em cheque a autoridade papal e toda a hierarquia eclesiástica da época, mudando os dogmas e as crenças da Igreja Medieval.

humanismo em toda a Europa; o modo de vida das pessoas se tornou mais mundano e dinâmico (Manacorda, 2002).

As idades eram, para tanto, demarcadas por objetos, pelo tipo físico, por funções e modos de vestir, acompanhando o imaginário popular através de representações em imagens e textos literários que sugerem uma pré-determinada rigidez às etapas da vida.

Não se falava em uma idade cronológica, mas em um modo de ser e de estar em sociedade. Havia a idade dos brinquedos para definir a ocupação das crianças, a idade da escola para os meninos, para moças e rapazes, a idade do amor e dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios, corte de amor, as bodas e as caçadas do mês de maio dos calendários. Aos homens a idade da guerra e da cavalaria e, em seguida, o homem sedentário, sábio, o estudo, ocupação para os chamados velhos (Aries, 1981).

No entanto, a imprecisão da terminologia utilizada em traduções do latim para o Francês, realizadas no século XVI, para definir o comportamento do menino, do rapaz ou do homem, reorganiza e desconstrói tal rigidez. Prevalecem, até o século XVIII, apenas três fases da vida: "*enfance, jeunesse e vieillesse*" (Ariés, 1981, p.10)

Arriscamos dizer que Shakespeare mantém as idades da vida tal qual o imaginário popular a aceitava e a idade do amor ressurgiu dos romances medievais, através da imagem de jovens e belos amantes, dos poemas de Ariosto e de Tasso, dos contos de Bocaccio ou de Bondello, Shakespeare tece um universo imaginário cheio de magia e exotismo, onde o vencedor são os desejos do coração e não os desejos sexuais das comédias antigas (Boquet, 1989).

⁶Contra Reforma Católica foi o meio utilizado para barrar os avanços da Igreja Protestante, criou-se a Inquisição, a Companhia de Jesus e a tortura era muito utilizada.

Essa exaltação do amor deriva do mito de Tristão, que exalta a totalidade do ser para elevar cada virtude à perfeição. Suas heroínas representam um papel ativo nessa busca amorosa, recusando as convenções cortesãs que confinam a mulher no papel passivo de uma imagem ideal de beleza. Traços da obra lembram que os amantes são também de carne e os sentimentos desencarnados, dificilmente eternos (Boquet, 1989).

No âmbito familiar, durante o século XVI na Europa Ocidental, na aristocracia o que predominava era a primogenitura, ou seja, o patrimônio da família era transmitido à um único filho. Só um dos homens casaria para perpetuar o nome e os títulos de seus ancestrais. Para os outros filhos restava o celibato, mais ou menos forçado, pela sorte alguma herdeira, ou casariam com alguém de nível social inferior.

A partir da Segunda metade do século XVI aumentou muito o número de solteiros na Europa, no século seguinte, na Itália e na França mais da metade dos homens de idade adulta não se casavam e um em cada três abraçava a carreira eclesiástica (Levi & Schmitt, 1996).

Porém a família era responsável por todos os membros e tinham que garantir uma vida boa para os que não se casavam e deveriam promover também o prestígio da família.

Enquanto criança, na troca de correspondências da família era perguntado o que aprendia, o que fazia e de que a criança gostava, sem distinção de gênero, porém com relação aos jovens as preocupações eram financeiras e relacionadas a arranjar um marido. Se o jovem não iria casar-se, ou porque a família não queria ou por vontade própria, nos países católicos a única saída era o celibato, para os outros países, nem isto.

A educação Humanista e o Pensamento Pedagógico da Renascença aconselhavam os pais à não demonstrarem demais ternura para com os filhos, a fim

de não estragá-los, mas também para não impor suas vontades sem ao menos ouvir os filhos, para apenas satisfazer seu próprio orgulho e ganância.

No final do século XVI a questão de matrimônio e da livre vontade dos noivos foi bastante debatida, mas quando surgiu, em Petrarca⁷ e nos primeiros humanistas, apresentava características mais gerais de reflexão sobre a “vocação” de cada um, sobre a relação entre suas predisposições naturais e os deveres em relação à família e à comunidade (Levi & Schmitt, 1996).

A mulher para casar deveria ser de boa família, com um dote alto, bela, saudável, com bons costumes, eram relevantes as informações sobre proveniência e índole. Já o marido ideal para a família seria o nobre, sem muitas pretensões financeiras, de preferência jovem. Ninguém parecia preocupar-se com a adequação de caráter do casal.

A educação dos rapazes era voltada para formar futuros pais de família, eclesiásticos e militares, o tratamento era o mesmo até a juventude, buscando enfatizar a graça, a vivacidade, a modéstia e a obediência.

Os adultos não confiavam muito na moral dos jovens e até os rapazes não podiam andar sozinhos, para não se misturarem com más companhias, para não se apaixonarem pela pessoa errada e para não mancharem a reputação da família. A modéstia e a reserva também eram recomendadas aos homens. Esse controle sobre os jovens, homens e mulheres, foi uma das razões pelas quais se difundiu e rapidamente se impôs o hábito de mandar os jovens estudarem em colégios.

O modo antagônico como pensamos a vida matrimonial e no convento é inadequada. Todas as jovens aristocráticas passavam certo período da vida no convento, e quando se casavam continuavam a freqüentá-lo.

⁷ Francesco Petrarca, considerado o pai do Humanismo, devido ao intenso conhecimento humanista de suas poesia e por ser o principal precursor desse movimento que se espalhou pela Europa, no período que corresponde à transição da Idade Média à Idade Moderna.

As viúvas e malcasadas também voltavam para o convento para refugiar-se, mesmo sem pronunciar os votos. A reclusão não interrompia por completo os contatos com o mundo externo e com a própria família. Os bispos tinham plena consciência da falta de vocação de suas freiras e faziam certas concessões com relação ao vestuário e obediências, para que suas vidas fossem mais agradáveis.

A carreira eclesiástica era escolhida nem tanto pela fé, mas sim pelo poder político e econômico que seus cargos poderiam oferecer. A vida familiar não era tão lucrativa, enfrentavam-se grandes dificuldades e requeria muita responsabilidade, as esposas deveriam ajudar na administração das propriedades.

As pressões pela família em relação ao celibato para moças eram exceção e não a regra, o convencimento sutil e formas de resignação predominavam. Para as jovens mais imperiosas o convento podia representar a ocasião que lhes permitia ter uma carreira que as conduziria no final a desempenhar a função de abadessa ou de superiora e assim exercer um poder efetivo, até mesmo econômico e político com a gestão das propriedades do mosteiro.

Porém o fenômeno dos casamentos clandestinos é uma indicação de que nem sempre a passagem para a vida adulta era efetuada de maneira retilínea e sem tensões. A igreja apoiava com os eclesiásticos ligados à família os casamentos clandestinos e a lei não poderiam revogá-los, apesar da família poder deserdar ou diminuir a herança de quem casasse sem a vontade deles.

A maioria desses casamentos acontecia entre pessoas da mesma classe social, o problema é que não era a pessoa ou o destino escolhido pela família. Na Inglaterra, com a reforma há um reforço no poder de persuasão dos genitores puritanos, os filhos são mais forçados a obedecer aos pais e passam a contar menos com a ajuda dos eclesiásticos ligados à família e o casamento em alguns estados passam a depender da autorização dos pais para serem realizados.

Nesta época houve também uma evolução quantitativa da instrução pela invenção da arte da imprensa e pelo desenvolvimento econômico e social. Como, quanto e quem instruir? A instrução destinada ao domínio e a produção (instrução útil). Porém, ainda no início da era moderna os estudos e o trabalho se

A instrução para todos começou com a vontade da Igreja de que todos pudessem ler a bíblia e com a Reforma a instrução dos mais pobres ajudou a divulgar as idéias de igualdade do Humanismo que estream a forma de pensar da Era Moderna. Os projetos para a educação eram voltados para formar os filhos da aristocracia, homens e mulheres, para que todos cumprissem seus papéis. Essa reforma na educação caminhava juntamente com a Reforma Protestante e Lutero intimava os pais a mandarem seus filhos para a escola pelo menos uma parte do dia, ele pretendia conciliar o trabalho manual produtivo com o prestígio ao trabalho intelectual e com isso formar homens para governar o Estado e mulheres para dirigir a casa. de Elisabeth I. de 1558 a 1603) e isso se reflete na educação e no

Também com a Contra Reforma a Igreja controlava a produção literária e tentava reorganizar as escolas católicas. Pela primeira vez a relação instrução – trabalho assume o caráter não de moralidade, mas de verdadeira pesquisa para aquisição de uma habilidade operativa concreta. A escola era um lugar de rigidez, proibia brincadeiras inocentes e também as peripécias infantis, além de justificar todas as surras que as crianças levavam dos mestres. Na literatura encontra-se muitas citações sobre as escolas e críticas através de sátiras ao tratamento dado aos alunos. The Globe, the Theatre e The Rose, cujas estruturas eram bem

No século XIX, a escola teve grande influência na demarcação cronológica da juventude, pois enquanto ir à escola não era obrigatório, as fronteiras entre infância e juventude variavam. A obrigatoriedade se dá a partir do início do século XIX, passou a adotar-se um corte aos quatorze anos (nas regiões protestantes, reforçada no

âmbito religioso pelo rito de iniciação da confirmação). Com esse corte percebe-se uma clara demarcação entre infância e juventude ao concluírem-se os estudos, do início da aprendizagem e ingresso no mundo do trabalho (Levi & Schmitt, 1996).

Porém, ainda no início da era moderna os estudos e o trabalho se entrelaçavam na vida da maior parte das crianças e jovens. A escola era mais um dever possível do que uma obrigação efetiva. Apenas nas classes letradas encontrava-se a idéia moderna da juventude como moratória, uma fase de preparação para a vida adulta, onde o jovem já está pronto para desempenhar seu papel e função social, mas é privado disto, precisa se preparar mais e prorrogar sua dependência em relação à família. Nos séculos XVI e XVII o termo juventude era usado para denominar àqueles que ainda não haviam se tornado completamente responsáveis por suas próprias ações.

Nesta época, a Inglaterra tinha uma das melhores economias do mundo (reinado de Elisabeth I, de 1558 a 1603) e isso se refletia na educação e no desenvolvimento cultural. A literatura elisabetana, iniciada com o desenvolvimento provinciano de uma literatura centrada no continente, é repleta de imitações e traduções do francês, italiano e latim (Frye, 1992).

As apresentações teatrais saíram dos salões de banquetes e pátios que foram substituídos pelos teatros planejados, com apresentações regulares. Com isso os dramaturgos tiveram que redescobrir o teatro, os jovens escritores daquela época se aventuravam a apresentar suas peças nos teatros de Londres recém construídos, entre eles The Globe, The Theatre e The Rose, cujas estruturas eram bem peculiares: feitos para receber Sua Majestade e um número vasto de pessoas. Influências do teatro italiano e de peças clássicas fizeram parte dessa nova fase.

O teatro renascentista sentia o peso da quebra com a religiosidade. Os autores e diretores eram protegidos por pessoas de alto escalão na corte e da nobreza, que

de um jeito ou de outro permitiam a continuidade das apresentações, de forma que, por certo período, as peças ocorreram diariamente sem problema algum.

CAPÍTULO 3: SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

Antes de começarmos a analisar a peça “Sonho de uma noite de verão”, introduziremos seus personagens, para que a peça seja melhor compreendida:

Teseu, duque de Atenas

Hipólita, rainha das Amazonas, noiva de Teseu

Lizandro e Demétrio, jovens cortesãos, apaixonados por Hérnia

Hérnia, apaixonada por Lizandro

Helena, apaixonada por Demétrio

Egeu, o pai de Hérnia

Oberon, rei das fadas e dos duendes

Titânia, rainha das fadas e dos duendes

Puck, um duende endiabrado, bufão e ajudante-de-ordens de Oberon

Estudos mostram que “Sonho de uma noite de verão” é uma das poucas peças que Shakespeare escreveu sozinho, ou seja, sem muita ajuda de outras fontes. Porém, certamente se inspirou em duas histórias trágicas que genialmente transformou em farsa, uma delas foi a história de Píramo e Tisbe, escrita por Ovídio, que a companhia de Quince está tentando contar. A outra foi o “Conto do Cavaleiro” (Knight’s Tale) de Chaucer, da qual os nomes Teseu, Hipólita e Filóstrato foram tirados. Essa história relata a rivalidade fatal entre dois homens pelo amor de uma mulher. Em Sonho de uma noite de verão essa mesma rivalidade é abordada através dos esforços de Lizandro e Demétrio para conquistar Hérnia e depois Helena (Frye, 1992).

Demétrio – Abranda-te, doce Hércia. – E, Lisandro, cede o teu título inútil ao meu acertado direito.

Lisandro – Você tem o amor do pai dela, Demétrio. Deixe-me ter o amor de Hércia. Você case-se com ele” (Primeiro Ato, cena 1).

Lisandro – (...) Agora então segue-me, se é que te atreves a tal, para testarmos em duelo quem tem mais direito a Helena: se tu, se eu.

Demétrio – Seguir-te? Nada disso. Vou contigo, ombro a ombro” (Terceiro Ato, cena 2).

Essa peça parece ter sido criada para alguma ocasião festiva especial, na qual a rainha estaria presente, por isso é de se esperar algum elogio à Vossa Majestade. E parece haver tal elogio quando Oberon, numa fala dirigida a Puck, se refere a uma “devota imperial”:

“Naquele momento enxerguei (mas tu não podias enxergar), voando entre a frígida lua e a terra, Cupido, de arma em punho: fez mira, ele, na direção de uma linda vestal, coroada pelo Ocidente, e libertou deste seu arco a flecha do amor, com muita habilidade e energia... como se devesse trespassar uma centena de milhares de corações. Contudo, eu pude ver a flamejante flecha extinguir-se nos castos raios de uma lua

aguada; e a imperial devota passou adiante em virginal meditação, livre de fantasias amorosas"...(Segundo Ato, cena 1).

A rainha era normalmente tolerante às tentativas malsucedidas de entretê-la quando viajava pelo país, por isso a ênfase que se dá à cortesia de Teseu para a companhia teatral de Quince também pode se referir à ela, mesmo sendo Teseu um homem:

"Mais generosos estaremos sendo nós então, agradecendo-lhes por coisa nenhuma. Nosso divertimento será ver a fortuna que há no infortúnio deles. E aquilo que o pobre esforço não conseguir, o nobre respeito fará, percebendo a força da encenação, e não seu mérito. Por lugares onde andei, grandes eruditos quiseram receber-me com premeditadas boas-vindas; eu os vi tremer, empalidecer, fazer pausas indevidas no meio de suas frases; eu os vi engasgar de nervosos no meio de seus discursos decorados. Ao concluírem param de falar, como se parvos fossem, e ficam sem me dar as boas-vindas. Acredite-me querida, desses silêncios, ainda assim, peguei os votos de boas-vindas. E, nessas nervosas perturbações causadas pelo senso do dever, consigo ler tudo quanto me dizem as línguas

tagarelas, de eloquência esperta e arrojada. Assim é que, no meu entender, têm língua amarrada o amor e a simplicidade: quanto menos falam, mais dizem" (Quinto Ato, cena 1).

Shakespeare nunca deixa de introduzir algo de extraordinário em suas comédias, assim estava seguindo os pretensos intelectuais da época que reverenciavam os antecedentes clássicos e os imitava. Porém a introdução de reis, príncipes ou duques, sempre presentes em suas comédias, fugia a essa regra. Essa forma de elaborar as peças segue a tradição estabelecida, não pelos escritores clássicos, mas por seus precursores imediatos, o que mostra como Shakespeare era moderno e genial.

Sonho de uma noite de verão tem as três partes de uma comédia normal: uma primeira parte na qual ocorre uma situação absurda, desagradável ou irracional, uma segunda parte de complicações pessoais, em que as identidades se trocam; e uma terceira parte na qual há uma correção de percurso e uma inversão de enredo, onde tudo acaba bem, essa divisão é também conhecida nos contos de fadas (Bettelheim, 1980).

No começo desta peça encontramos uma lei irracional, muito comum nas peças de Shakespeare, a lei de Atenas, cidade retratada como um lugar de violência, esta lei decreta morte ou prisão perpétua às moças que se casarem sem o consentimento do pai.

Nesta peça a moça é Hérnia, que ama Lisandro, porém o amor dele é proibido por Egeu, pai de Hérnia, que prefere que ela se case com Demétrio e por isso recorre a Teseu, duque de Atenas, para reafirmar a Lei que lhe garante os poderes de pai.

Teseu – (...) Com astúcia surrupiaste o coração de minha filha. Transformaste sua obediência, a mim devida, em áspera teimosia. – E, gracioso duque, se o caso for de ela não consentir em casar-se com Demétrio aqui, diante de Sua Graça, eu vos peço: concedei-me o antigo privilégio de Atenas. – Como ela é minha, dela posso dispor. E dela disporei, dando-a a esse cavalheiro ou à sua morte, de acordo com nossas leis, especificamente designadas para tais casos e das quais não se pode recorrer” (Primeiro Ato, cena 1).

Teseu, homem inconstante, que abandonou Titânia, e pelas armas conquistou Hipólita, “a bela amazona, amante de botas, guerreira amorosa” de Oberon e com quem está para se casar.

“Hipólita, eu te cortejei com minha espada, e conquistei teu amor causando-te ferimentos, mas te desposarei em um outro tom, com pompa, com triunfo e com folia” (Primeiro Ato, cena 1).

Teseu admite que a Lei é o que Egeu diz ser e não dá nenhuma saída a Hérnia, repetindo as ameaças à sua vida e liberdade. Hipólita, provida de bom senso não aprecia essa situação.

Teseu - O que diz a senhorita, Hérnia? Esteja avisada, linda donzela: para você, seu pai deve

ser como um deus, o deus que compôs suas formosuras. Sim, e o deus de quem você é nada mais que uma forma em cera composta, por ele gravada, e em seu poder de pai está deixar a figura como está ou desfigurá-la” (Primeiro Ato, cena 1).

Com esse desfecho é de se esperar que Hérnia e Lisandro busquem uma forma de escapar desses conflitos apesar de Egeu.

“Lisandro – (...) escuta-me, Hérnia: tenho uma tia, viúva dotada de muitos proventos, e sem filhos. Tem ela uma casa distante sete léguas de Atenas. E refere-se ela a mim como seu filho único. Em sua casa, gentil Hérnia, posso casar-me contigo. E até a esse lugar não podem perseguir-nos as severas leis atenienses. Se tu me amas, então foge da casa de teu pai amanhã à noite. E, no bosque a uma légua da cidade, onde encontrei-te uma vez com Helena, observar um amanhecer de maio, lá estarei, esperando por ti.

Hérnia – (...) neste exato lugar que me indicaste, amanhã estarei seguramente para contigo encontrar-me” (Primeiro Ato, cena 1).

Demétrio quer se casar com Hérnia, mas tem uma situação pendente com Helena, que o ama, mas ele apenas brincou com seus sentimentos, como diz a expressão vitoriana.

“Lisandro – Demétrio, e, pela cabeça de Demétrio, posso sustentar o que digo, fez amor com a filha de Nedar, Helena, e conquistou-lhe o coração. E ela, doce dama, baba-se por ele, pôs-se devotadamente doida de amor por ele, idolatra-o, esse homem maculado e inconstante”
(Primeiro Ato, cena 1).

Na segunda parte da peça, temos a fuga de Lisandro e Hérnia, que são perseguidos por Demétrio e Helena, os jovens se encontram na floresta encantada e com a ajuda das poções de Puck, vivem uma verdadeira confusão e troca de identidades em busca do par ideal.

“Oberon – O que aprontaste? Tu te enganaste completamente, pingando o sumo do amor nos olhos de quem sente um amor verdadeiro. De tua negligência forçosamente resultará algum amor verdadeiro falseado, e não um falso amor retificado” (Terceiro Ato, cena 2).

“Oberon – (...) Quando então eles se acordarem, todo esse engano lhes parecerá um sonho, uma visão inexpressiva. E retornarão a

Atenas os amantes, em união que só na morte encontrará seu fim” (Terceiro Ato, cena 2).

Ao amanhecer, Teseu e Hipólita, acompanhados por Egeu, entram no bosque para caçar. Neste ponto a situação de Demétrio e Helena já tinha se resolvido e por isso Teseu se sente capaz de contrariar a vontade de Egeu e permitir que os jovens se casem, havendo assim um casamento triplo: Teseu e Hipólita, Lisandro e Hérnia, Demétrio e Helena.

“Teseu – Belos amantes, afortunadamente vocês se encontraram. Desse discurso em breve ouviremos mais. Egeu, sou obrigado a passar por cima de sua vontade, pois, no templo, mais tarde, conosco, esses casais vão se unir para a eternidade. Como esta manhã já praticamente esgotou-se, nossa pretendida caçada fica para outra vez. Andando, vocês, embora, conosco, para Atenas: três e três, teremos uma festa de grande esplendor, uma bela cerimônia. – Vem, Hipólita” (Quarto Ato, cena 1).

Essa ênfase nos casamentos e finais felizes que Shakespeare coloca em suas peças nos indica a saída para os limites reduzidos do nosso tempo nesta terra: “construir uma ligação verdadeiramente satisfatória com outra pessoa” (Bettelheim, 1980). Essa peça, assim como nos contos de fadas nos ensina que quando uma pessoa assim o faz , “alcançou o máximo, em segurança emocional de existência e

permanência de relação disponível para o homem, e só isto pode dissipar o medo da morte” (Bettelheim, 1980).

Apesar do final feliz para Lisandro e Hérnia, são pessoas mais velhas, Teseu e Hipólita, que estão no centro da ação. A reconciliação de Oberon e Titânia também faz parte dessa característica das peças de Shakespeare de não exaltar a superação e desafio da velhice pela juventude (Frye, 1992).

“Oberon – Agora tu e eu acertamos nova amizade, e dançaremos amanhã à meia-noite, muito solenemente, e de modo triunfante, na casa do Duque Teseu. E abençoaremos aquela casa com toda a merecida prosperidade. Pois lá é onde estarão se casando os pares de amantes fiéis, juntamente com Teseu, todos em meio a muita alegria” (Quarto Ato, cena 1).

É no bosque que o desfecho feliz da história é tomado, o amor de Demétrio e Helena é resolvido graças às poções de Puck, parece que não apenas Teseu está contra o desejo de Egeu, mas seu próprio desejo foi dominado pelas forças da floresta encantada.

“Para os elisabetanos, a natureza é um ciclo de morte e de renascimento: se a passagem da primavera para o inverno está no coração da estrutura das tragédias, as comédias baseiam-se na resurgência de uma vitalidade primaveril a partir da esterilidade hibernal. A floresta é assim

um lugar privilegiado, onde, por um ato criador, os homens se despojam dos constrangimentos do velho mundo para se preparar para a sua reintegração em uma nova vida, para o mundo d'A Idade de Ouro e do Paraíso Reencontrado" (Boquet, 1989).

Desde os tempos antigos, a floresta ou bosque, quase impenetrável onde ficamos perdidos simboliza o mundo obscuro, escondido de difícil acesso de nosso inconsciente. Ao perdermos o esquema que dava estrutura à nossa vida anterior, devemos encontrar nosso próprio caminho para nos tornarmos independentes, e é justamente ao entrarmos nesta selva, com nossa personalidade ainda não desenvolvida, no momento em que conseguimos encontrar nosso caminho, emergiremos com uma humanidade muito mais desenvolvida.⁸

O que acontece no bosque encantado faz dessa peça a mais erótica de todas as peças de Shakespeare, segundo estudiosos. O bosque é "instituído como região de metamorfose, onde a loucura erige como regra do jogo a troca de parceiros sob uma turva claridade lunar cúmplice" (Boquet, 1989).

Dentro do reino de Oberon, Príncipe das fadas e Rei de maio e sob o efeito das poções de Puck, os quatro jovens jogam um jogo de prazer, da troca de corpos, conhecendo o erotismo através dos malefícios de Puck.

⁸ É esta imagem antiga que Dante evoca no começo da "Divina Comédia": "no meio da jornada de nossas vidas, encontrei-me numa floresta escura onde caminho certo estava perdido". Lá, ele também encontra um ajudante "mágico", Virgílio, que oferece seus préstimos nesta famosa peregrinação, que primeiro leva Dante através do inferno, depois ao purgatório, até que o céu é alcançado no final da jornada.

Hérnia acorda assustada, temendo ter desejado por duas vezes mudar de amante. Helena faria de tudo pelo amor de Demétrio e deseja apanhar como um cachorro se preciso fosse para ser notada por ele. Titânia recusou a Oberon o jovem pajem que ele deseja, e ele a condena a amar um animal, fascinada e com repulsa por seu sonho de animalidade com um asno. Com a chegada do dia, a luz dissipa os espíritos que assombravam o bosque e o despertar do sonho restabelece a harmonia cósmica perturbada pelos erros do amor.

“Criador e destruidor de ilusões ao mesmo tempo, Shakespeare faz um recuo irônico diante da tripla cerimônia nupcial, convidando o público a tomar lugar na mais externo dos círculos de condescendência onde Oberon e Titânia contemplam das alturas Teseu e sua corte a observar os artesãos de Atenas representarem o amor de Píramo e Tisbe” (Boquet, 1989).

Seguindo o mesmo modelo dos contos de fadas: uma situação problema que é resolvida e um final feliz, Shakespeare traz nesta peça a esperança na superação de desafios. Essa peça, mesmo passados quatro séculos, continua atual neste aspecto. É claro que é quase impossível na nossa sociedade termos casamentos proibidos pelas famílias e pais tão autoritários como Teseu. Mas os conflitos familiares são diversos e a necessidade de superá-los é a mesma. O autoritarismo demonstrado por Teseu em relação à Hérnia, gerador de conflitos, pode ser encontrado de outras formas dentro de nossa sociedade atualmente, com relação aos nossos jovens. Será que a moratória social imposta à juventude não é tão autoritária quanto no passado escolher seus pretendentes?

A peça "Sonho de uma noite de verão" ainda é encenada em teatros, foi transformada em filme e até em desenho animado. As versões consultadas para este estudo foram consideradas bem fiéis à peça original, e consideramos que são os sentimentos humanos retratados nela, que são universais e atemporais, que garantem seu sucesso até hoje, entre todas as faixas etárias.

Essa fase não pode ser caracterizada em termos puramente biológicos nem em termos puramente sociais. Ela é o resultado de transformações próprias destes dois domínios. Por um lado, é um momento em que o impulso pubertário traz consigo a aparição dos sinais sexuais secundários e em que se verifica uma profunda transformação fisiológica; por outro lado, é a passagem do estatuto e da função de criança ao estatuto e função de adulto (Jean Stoetzel⁶, citado por Connary et al., 1984). O que se percebe, portanto, é que as mudanças fisiológicas não são um problema inicialmente, porém, passam a ser, na medida em que os adultos não a reconhecem como sinal da passagem da infância para a vida adulta. O real problema da adolescência não está no questionamento a respeito de seu início, mas sim, quando ela termina. Quando o adolescente assumirá seu papel dentro da sociedade?

⁶ J. Stoetzel, psicólogo francês, nasceu em 1910, professor na Sorbonne, introdutor das técnicas de sondagem de opinião, fundador do Instituto Francês de Opinião Pública. Sua obra apresenta um duplo aspecto de tecnicidade e humanismo. Entre as suas principais obras estão *Jeunesse sans chrysalisme et peur* (Paris, Flou, 1954), *Le Psychologue social* (Paris, Flammarion, 1963). Entendemos estatuto como o conjunto dos comportamentos que uma pessoa pode esperar dos outros e si próprio, e função como o conjunto dos comportamentos que são legitimamente esperados de uma pessoa pelos outros.

CAPÍTULO 4: ADOLESCÊNCIA

Como entender a adolescência nos dias de hoje? Para uns a adolescência começa no início da puberdade, pelo amadurecimento dos órgãos sexuais. Outros dirão que ela começa uns dois anos após a puberdade, o estorvo físico se transforma numa espécie de identidade adolescente consolidada. Ou ainda, que ela começa antes da puberdade, é antecipada pela adoção precoce de comportamentos e estilos de adolescentes mais velhos. Já Fraga, 2000, acredita que a adolescência atualmente não é demarcada pela faixa etária, é uma condição rebelde que se estende dos 8 aos 30 anos!

Essa fase não pode se caracterizar em termos puramente biológicos nem em termos puramente sociais. Ela é a resultante de transformações próprias destes dois domínios. Por um lado, é um momento em que o impulso pubertário traz consigo a aparição dos sinais sexuais secundários e em que se verifica uma profunda transformação fisiológica; por outro lado, é a passagem de estatuto e da função de criança ao estatuto e função de adulto (Jean Stoetzel⁹, citado por Cormary et. al., 1984). O que se percebe, portanto, é que as mudanças fisiológicas não são um problema inicialmente, porém, passam a ser, na medida em que os adultos não a reconhecem como sinal da passagem da infância para a vida adulta. O real problema da adolescência não está no questionamento a respeito de seu início, mas sim, quando ela termina. Quando o adolescente assumirá seu papel dentro da sociedade?

⁹ J. Stoetzel: psicólogo francês, nascido em 1910, professor na Soborna, introdutor das técnicas de sondagem de opinião, fundador do Instituto Francês de Opinião Pública. Sua obra apresenta um duplo aspecto de tecnicidade e humanismo. Entre as suas principais obras estão *Jeunesse sans chrysanthème ni sabre* (Paris, Plon, 1954), *La Psychologie sociale* (Paris, Flammarion, 1963). Entenderemos estatuto como o conjunto dos comportamentos que uma pessoa pode esperar dos outros em relação a si própria, e função como o conjunto dos comportamentos que são legitimamente esperados de uma pessoa pelos outros.

A situação problema colocada no início da peça "Sonho de uma noite de verão" nos mostra que a luta contra dificuldades graves na vida é parte intrínseca da existência humana, mas que se não nos intimidarmos com isso e encararmos nossos problemas com firmeza, mesmo as injustiças, então dominaremos todos os obstáculos, e emergiremos vitoriosos (Bettelheim, 1980). Pode-se dizer que é chegada a adolescência quando o indivíduo não se enquadra mais na dependência infantil. O adolescente é retratado como um sujeito capaz de adotar os ideais da sociedade em que vive. Seu corpo já é um corpo adulto esperando para participar da competição da sociedade capitalista, porém esta mesma sociedade que o treinou, o exclui, impondo-lhe uma moratória de pelo menos dez anos.

Essa moratória leva os adolescentes atuais a adotarem atitudes transgressoras e de contestação, ao mesmo tempo em que vive numa sociedade em que o maior valor é a independência e a superação, vivem a pressão de realizarem os sonhos de seus pais, sentem-se prontos para a vida adulta, mas não são reconhecidos como tal, e terão que permanecer sob a tutela dos pais por mais dez anos aproximadamente, preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo, ganhando e amando, só que marginalizados (Calligaris, 2000). O adolescente é um jovem que não tem um papel social dentro de sua sociedade.

A partir daí, podemos entender que o adolescente é também alguém cujos sentimentos e comportamentos são obviamente reativos, de rebeldia a uma moratória injusta; que tem o inexplicável dever de ser feliz, pois vive uma época da vida idealizada por todos e que não sabe quando e como vai poder sair da sua adolescência (Calligaris, 2000).

Esse impasse provoca uma situação ambígua de dependência prolongada e de impaciência tumultuosa, que pode levar à dois tipos de reações mais comuns, que podem se alternar ou caracterizar essa fase, por um lado o adolescente pode passar esse período de forma mais introspectiva, voltado para seus problemas interiores e exteriores, isolando-se do mundo ou então, e isso vem ocorrendo com mais freqüência, o adolescente organiza com outros da sua idade, seus contemporâneos, uma outra sociedade, na qual busca segurança e solidariedade e também um meio para exprimir sua hostilidade à sociedade adulta (Cormary, 1980).

Ao mesmo tempo em que se isola do adulto e se revolta contra ele, o adolescente não tem desejo mais vivo do que o de se assemelhar aos adultos, de ser tratado como tal (Foulquié, 1971).

A desculpa normalmente utilizada para justificar tal espera é a falta de maturidade (apesar da maturidade física). Porém essa idéia é circular, pois é essa espera imposta o que justamente mantém ou torna inadaptado e imaturo o adolescente.

“Tal contradição torna-se ainda mais enigmática para o adolescente na medida em que essa cultura parece idealizar a adolescência como se fosse um tempo particularmente feliz. Como é possível? Se o adolescente é privado de autonomia, se é afastado da realização plena dos valores cruciais de nossa cultura, como pode essa mesma cultura imaginar que ele seja feliz?” (Calligaris, 2000).

O que percebemos é que a busca pela juventude, que sempre foi um objetivo da humanidade, hoje alcançou dimensões maiores, o que antes era apenas o desejo de se manter fisicamente jovem, hoje é a despreocupação com o amadurecimento de uma forma geral. Todos querem viver a transgressão, experimentação, ousadia, desobediência, insolência e impulsividade da adolescência, o que torna essa fase da vida desejável para os adultos que não querem assumir suas funções e estatutos e para as crianças que almejam alcançar naturalmente a próxima etapa de suas vidas.

Parece que na realidade, não há apenas um conflito com relação à adolescência, mas sim, algo mais complexo:

“A aquisição de uma compreensão segura do que o significado da própria vida pode ou deveria ser é o eu constitui a maturidade psicológica” (Bettelheim, 1980).

No passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança era ajudá-la a encontrar significado na vida (Bettelheim, 1980); hoje porém, esse significado precisa ser encontrado por todos, crianças, adolescentes e adultos.

Antes da modernidade a juventude era vista como mais uma etapa da vida, porém com o consumismo do século XX foi concebido um ideal de juventude absolutamente positivo, pois a vida dos adultos é marcada pela busca da eterna juventude. Ideal triste, pois é buscado por aqueles que já viveram a juventude e que ameaçam aprisionar com sua cultura industrial e missionária os que são realmente jovens. No início da era moderna a busca pela juventude era menos fóbica, era a “fonte da juventude” das festas organizadas pelos jovens, que rejuvenescia à todos, apesar das diferentes idades.

A vida era orientada pela idéia de sucessão sem os traumas provocados pelas leis naturais e pelas possibilidades de renovação que isso desencadeia. Juventude era uma situação transitória, um limiar, mais próximo da existência adulta que da infância e que colocava diante dos jovens o espelho da ironia antes de tudo se tornar definitivamente sério.

Os adultos desse tempo passado enfrentavam com tolerância as escapadelas dos jovens, com a segurança de que tudo era uma questão de tempo. Mostravam não só uma consciência da necessidade da troca de gerações imposta pela própria natureza, mas também uma atitude de confiança na sociedade, orientada para o futuro, algo difícil de se encontrar atualmente.

Nossa atual sociedade não pode privar os jovens de uma função, de um papel social e se apegar a essa fase que não é mais sua. Temos que voltar a confiar no futuro, sem medo de mudanças, pois devemos confiar nos valores que passamos e na educação com que formamos. Ainda é tempo de mudar.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

ARIÈS É na adolescência, no desabrochar da juventude que tomamos consciência do mundo adulto, com suas maravilhas e desastres. E essa nova consciência vem juntamente com o vigor, com a energia, com a Juventude!

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos sonhos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 11 ed. A vontade de mudar o que está errado, a emoção diante do que é justo, diante da beleza da ética não pode ser tirada do jovem e não podemos deixar de persuadir nossos jovens adolescentes a sentirem isso. Não podemos nos apegar a essa etapa da vida, pois se ela já passou, se tornou caquética. Mas podemos instigar isso nos jovens e deixar seus novos sonhos fluírem, há coisas que não mudam, mas o modo de sonhá-las muda com o tempo.

CORRÊA Nossa atual sociedade não pode privar os jovens de uma função, de um papel social e se apegar a essa fase que não é mais sua. Temos que voltar a confiar no futuro, sem medo de mudanças, pois devemos confiar nos valores que passamos e na educação com que formamos. Ainda é tempo de mudar.

FRAGA, A.B. Corpo identidade e bem estar. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FRYE, N. Sobre Shakespeare. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FURÉD, F. Não quero ser grande. in: *Paixão e Poder*, caderno 114. Domingo, 25 de julho de 2004.

LEVI, G. E SCHMITT, J.O. História da civilização da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MANACORDA, M.A. História da educação da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 10 ed. 2002.

MARCELLINO, R.C. Laser e Esporte. Campinas: Autores Associados, 2001.

SHAKESPEARE, W. Sonho de uma noite de verão. Porto Alegre: L&PM, 2001.

SOARES, C. Corpo e História. Campinas: Autores Associados, 2001.

CAPÍTULO 6: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 11 ed. 1980.
- BLOCK, M. **Introdução à História**. Publicações Europa - América. Coleção Saber. 6 ed.
- BOQUET, G. **Teatro e Sociedade: Shakespeare**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARPEAUX, O.M. **História da Literatura Ocidental Vol. 2**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1985.
- CORMARY, H. [et.al.] **Dicionário de pedagogia**. São Paulo: Verbo, 1980.
- DAOLIO, J. **Da Cultura do Corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FOULQUIÉ, P. **Dicionário da língua pedagógica**. Livros Horizonte. Presses Universitaires de France, 1971.
- FRAGA, A.B. **Corpo identidade e bom mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.
- FRYE, N. **Sobre Shakespeare**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- FURED, F. Não quero ser grande, in: **Folha de São Paulo, caderno Mais**. Domingo, 25 de julho de 2004.
- LEVI, G. E SCHMITT, J.C. **História dos jovens: da Antiguidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MANACORDA, M.A. **História da educação: da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 10 ed. 2002.
- MARCELLINO, N.C. **Lazer e Esporte**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SHAKESPEARE, W. **Sonho de uma noite de verão**. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- SOARES, C. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.